

## NOTAS SOBRE OS CONCEITOS DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO SOB O CAPITAL

Maria de Fátima Gomes de Lucena

De acordo com Marx, o conceito de "TRABALHO" refere-se ao processo em que os homens estabelecem relações sociais no sentido de prover sua **76** subsistência, através da transformação da natureza. Para que exista "TRABALHO", portanto, são necessários os seguintes elementos:

- 1) – A atividade adequada a um fim, isto é, o próprio trabalho.
- 2) – A matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho.
- 3) – Os meios de trabalho, o instrumental de trabalho.

Sob o capitalismo, o trabalhador põe à disposição do proprietário dos meios de produção – o capitalista sua força de trabalho; ou seja, sua capacidade de trabalho. Esta última compreende a ação de suas faculdades físicas e mentais no sentido de produzir valores de uso.

Ao se transformar em mercadoria, a força de trabalho que é vendida ao capitalista, tem o seu valor determinado, como qualquer outra espécie de mercadoria. Isto quer dizer que, é o tempo de trabalho socialmente necessário a sua produção e reprodução que determina este valor. Por outro lado, o trabalhador tem que necessariamente repor os meios de subsistência que o mantém em ação, ao mesmo tempo em que procriar, para permitir ao capital a substituição permanente dos que se desgastam e morrem no processo produtivo.

O valor dos meios de subsistência necessários à produção/reprodução da força de trabalho é historicamente determinado e depende de vários fatores, dentre eles, das condições peculiares da constituição da classe trabalhadora numa determinada formação histórica.

O trabalhador na produção capitalista, que é primordialmente a produção de trabalho excedente – a mais valia – tem que dispender, diariamente, o máximo possível de sua força de trabalho. Desse modo, “não é a conservação normal da força de trabalho que determina o limite da jornada de trabalho (...) ao prolongar o dia de trabalho, não causa (a produção capitalista) apenas a atrofia da força humana de trabalho, à qual rouba suas condições normais, morais e físicas de atividade e de desenvolvimento. Ela ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado encurtando a duração de sua vida.”<sup>2</sup>

Uma das consequências dessa forma de exploração do trabalho pelo capital é a necessidade de substituição mais rápida dos trabalhadores desgastados, que se faz, na medida em que o próprio capital gera uma população excedente em relação às suas próprias necessidades de expansão do valor, num determinado momento.

Isto quer dizer que não é o aumento natural da população suficiente à produção capitalista. Ao contrário, faz-se necessária a constituição de uma população para o capital. Por conseguinte, a acumulação capitalista ampliada implica, também, na incorporação de mulheres e crianças ao processo produtivo, além da massa de assalariados já submetida à reprodução do capital. 77

No dizer de Cristina Possas: “O processo de reprodução social da força de trabalho pode assim ser entendido em dois níveis que se articulam: de um lado, em um plano mais geral de sua reprodução enquanto classe social *subordinada ao capital*, reprodução esta que se situa no âmbito das contradições de classe no interior de cada sociedade; e, de outro lado, *ao nível de sua subsistência*, expressa no custo de sua produção e reprodução, determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à garantia de sua constante renovação”.<sup>3</sup>

Assim, o chamado “exército industrial de reserva”, permite que um grande contingente de trabalhadores fique em disponibilidade para utilização pelo capital, fazendo com que, os salários dos trabalhadores na ativa, estejam em níveis compatíveis com as taxas de lucro.

É importante ressaltar, porém, que nem todo o contingente de trabalhadores excedentes se constitui em reserva imediata de força de trabalho para o capitalismo e, por conseguinte, não pressiona *diretamente* sobre o rebaixamento dos salários. Essa parte se constitui daqueles que se encontram afastados da produção capitalista, de forma crônica.

Daí, o primeiro passo para se entender a questão do desemprego/sub-emprego nos países capitalistas subdesenvolvidos.

De acordo com Singer, nesses países, (...) uma parte substancial da população ativa está na verdade, engajada em outros modos de produção que não o capitalista. Com o desenvolvimento capitalista, estes outros modos de produção vão sendo, em parte, destruídos e, em outra parte, reorganizados, de tal modo que deles se desprende um fluxo contínuo de gente, que vai alimentar a oferta de mão-de-obra no mercado capitalista de trabalho.<sup>4</sup>

O tamanho desse excedente de força de trabalho, varia inversamente ao ritmo de acumulação capitalista. "Desta maneira, o exército industrial de reserva incha mediante a multiplicação de sua parte *latente* que, segundo Marx, é a "parte da população do campo que se acha... sempre preparada para se transferir ao *proletariado urbano ou industrial* e à espera de circunstâncias favoráveis a esta passagem" e de sua parte *estagnada*, que Marx descreve como "a parte do exército ativo de trabalhadores, com ocupação totalmente irregular."<sup>5</sup>

De um modo geral, podemos afirmar, que o capital cria um fluxo contínuo de força de trabalho, na medida em que provoca grandes transformações na cidade e no campo. Em primeiro lugar, o processo de expropriação do trabalhador rural, permitirá que este se torne um assalariado, na medida em que é brutalmente separado dos meios de produção.

78 Singer<sup>6</sup> analisa as conseqüências da penetração do capital no campo e nos fala da existência do que chama de "viveiro de trabalhadores". A criação desses "viveiros" se faz quando a economia camponesa se acha nas bordas de uma agricultura cada vez mais dominada pelo capital. Daí, os minifúndios se constituem em verdadeiros reservatórios de mão-de-obra, uma vez que, os pequenos proprietários são obrigados a se submeter a uma relação de subordinação/complementariedade aos latifúndios.

Podemos afirmar, portanto, que uma das contradições básicas do capitalismo é a permanente produção de força de trabalho excedente.

No dizer de Oliveira, (...) "O específico do modo de produção capitalista é a sua forma de gerar valor a partir da apropriação do trabalho não retribuído, isto é, da mais valia. A valorização do valor, conteúdo fundamental da produção capitalista é o processo dessa apropriação do trabalho não retribuído e ao mesmo tempo seu resultado. Ora, esse processo tem como pressuposto fundamental a existência e a reprodução ampliada de uma população para o capital. Esta população para o capital é a força de trabalho."<sup>7</sup>

O conceito de *reprodução da força de trabalho* refere-se à combinação dos processos de *manutenção e reposição* do trabalhador e de sua família

A manutenção é o atendimento de suas necessidades básicas diárias de alimentação, saúde, moradia, vestuário, transporte, lazer e outras, enquanto que a reposição está ligada à procriação e ao atendimento das necessidades

materiais básicas da prole do trabalhador, para que esta futura força de trabalho venha a substituir aquela que se retira do mercado de trabalho, por aposentadoria, invalidez ou morte.

De acordo com Singer: "A reprodução da força de trabalho é, de um certo ponto de vista, um processo organicamente ligado à própria circulação do capital. Quando o capital sob a forma de mercadorias se realiza, assumindo a forma de capital – dinheiro, uma parte dele se destina ao pagamento de salários, o que permite ao trabalhador adquirir meios materiais necessários à sua manutenção e reposição. Para que o pagamento de salários prossiga em intervalos regulares, é preciso que outra parte do capital – dinheiro sirva para a aquisição de meios de produção e que a força de trabalho assim reproduzida se combine com aqueles meios de produção, de modo a dar novamente ao capital a forma de mercadorias, de cuja realização provém o dinheiro necessário ao pagamento de salários."<sup>8</sup>

Por outro lado, além do salário que lhe permite adquirir valores de uso para o atendimento de suas necessidades básicas, o trabalhador depende do que Singer<sup>9</sup> denomina de bens e serviços "domésticos" e "estatais".

Temos então, uma extensa rede de relações de produção não – capitalistas, situada no âmbito da família. Nesse espaço familiar há toda uma complexa divisão de tarefas que torna viável o rebaixamento do custo de reprodução da classe trabalhadora, na medida em que se observa a combinação da produção doméstica com a venda de força de trabalho ao capital. 79

Ao lado dos gastos com alimentação, habitação, lazer, transporte, etc, podemos acrescentar como componente do processo de manutenção/reposição da força de trabalho, a chamada remuneração indireta ou, no dizer de Singer:<sup>10</sup> os bens e serviços "estatais". Estes compreendem a participação direta do Estado através de pensões, aposentadorias, auxílios no campo da assistência médico-sanitária, educação e saneamento, dentre outros.

Essa ação estatal tem historicamente se constituído nas sociedades capitalistas, como resultado das pressões políticas da classe trabalhadora contra a exploração do capital. Por outro lado, representa uma forma de controle social da população, na medida em que as políticas sociais do Estado. Capitalista visam, sobretudo, neutralizar os conflitos de classe e manter o "Status quo".

Finalmente, podemos afirmar que o objetivo da produção capitalista, como já foi dito anteriormente, é a ampliação sempre crescente do capital, através da extração do trabalho não-pago: a mais – valia, em suas formas absoluta e relativa. Portanto, é a exploração cada vez mais intensa de força de trabalho que vai determinar o aumento da taxa de riquezas nas mãos dos proprietários dos meios de produção.

Essa superexploração da classe trabalhadora determina, por sua vez, um "consumo" da força de trabalho, sob a forma da morbimortalidade.

Desse modo, concordamos com Oliveira, ao afirmar que: "A mortalidade, pois, é função do "consumo" das forças de trabalho". E acrescentando, diz: "Se a mortalidade é o lado do consumo das forças de trabalho ou da sua negação, a fertilidade responde pela reposição de uma das reservas das forças de trabalho, talvez a mais remota reserva (e não a mais próxima), que é a reprodução da população; pois, sob o capitalismo, a mais próxima reserva de forças de trabalho é o próprio "exército industrial de reserva", cujos movimentos de expansão e/ou de contração são determinados pelo ciclo da acumulação de capital e não pelos movimentos demográficos".<sup>11</sup>

#### CITAÇÕES

- 1 MARX, KARL. *O Capital (Crítica da Economia Política)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 5.<sup>a</sup> ed. livro 1. volume 1. p. 202. 1980.
- 2 MARX, KARL. Op. Cit. p. 301.
- 3 POSSAS, Cristina de Albuquerque. *Saúde e trabalho: A crise da previdência social*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1981. p. XXXV.
- 4 SINGER, Paul. *Economia Política do trabalho: elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista*. São Paulo, Hucitec, 2.<sup>a</sup> ed. 1979. p. 109.
- 5 SINGER, Paul. Op. Cit. p. 110.
- 6 SINGER, Paul, Op. Cit.
- 7 OLIVEIRA, Francisco de. *A Economia da Dependência Imperfeita*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 197. p. 137.
- 8 SINGER, Paul. Op. Cit. p. 119.
- 9 SINGER, Paul. Op. Cit.
- 10 SINGER, Paul. Op. Cit.
- 11 OLIVEIRA, Francisco de. Op. Cit. pp. 140 e 141.